

Representações discursivas de adolescentes no combate ao
bullying

Discursive representations of adolescents in the fight against
bullying

Representaciones discursivas de adolescentes en la lucha contra el
bullying

Silbene Rosa Paoliello
silbene10@gmail.com

Raquel Martins Fernandes
raquel.fernandes@blv.ifmt.edu.br

Resumo

Este trabalho faz parte da pesquisa sobre a Violação dos Direitos Humanos de Adolescentes e visa compreender como são construídas as representações discursivas de alunos/as para o combate ao *bullying* nas escolas e como estas refletem o significado de mundo deles/as. Realizou-se uma pesquisa qualitativa em que foram analisadas as respostas discursivas de 527 alunos/as em quatro escolas de Mato Grosso. Utilizou-se como fundamentação teórico-metodológica a Análise de Discurso Crítica. Os resultados apontam que as escolhas linguísticas observada nos textos dos alunos evidenciam sentido de intolerância, de vingança. Ao mesmo tempo, abrem espaço de diálogo da comunidade educativa para o debate sobre a violência no contexto escolar.

Palavras-chave: violência escolar, *bullying*, discursos.

Abstract

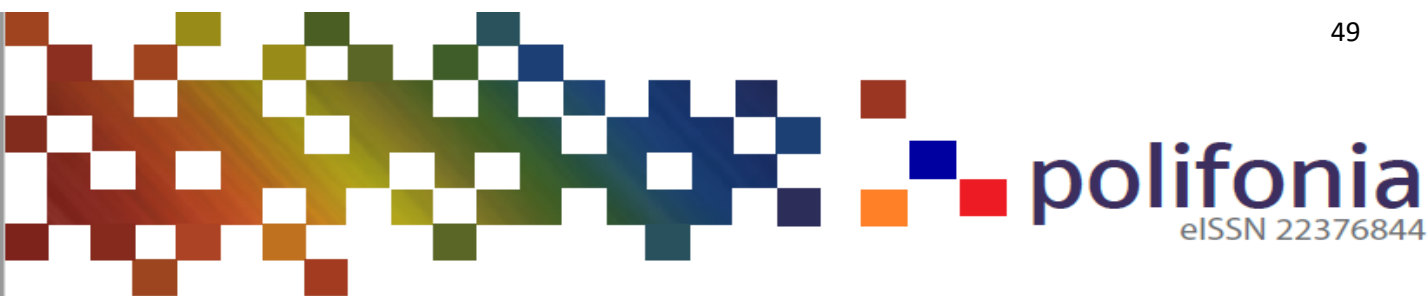
This paper is part of a research on the Violation of Adolescent Human Rights and aims to understand how the students' discursive representations of their suggestions for combating bullying in the schools are constructed, and how they reflect on the meaning of their world. A qualitative research was conducted, with answers of 527 students from four schools of Mato Grosso. The theoretical and methodological perspectives are based on Critical Discursive Analysis. The results point out that the linguistic choices observed in the students' texts show intolerance and revenge. At the same time, it opens the space for building a dialogue in which the school community addresses the violence in the school setting.

Keywords: school violence, *bullying*, discourses.

Resumen

Este trabajo forma parte de la investigación acerca de la violación de los Derechos Humanos de los adolescentes y tiene como objetivo comprender cómo se construyen las representaciones discursivas de los estudiantes para combatir el *bullying* en las escuelas y cómo reflejan el significado de su mundo. Se realizó una investigación cualitativa en la que se analizaron las respuestas discursivas de 527 estudiantes de cuatro escuelas de Mato Grosso. Además, se utilizó el Análisis Crítico del Discurso como base teórico-metodológica. Los resultados demuestran que las elecciones lingüísticas observadas en los textos de los estudiantes muestran un sentido de intolerancia, de venganza. Al mismo tiempo, abren espacios para que la comunidad educativa debata sobre la violencia en el contexto escolar.

Palabras clave: violencia escolar, *bullying*, discursos.

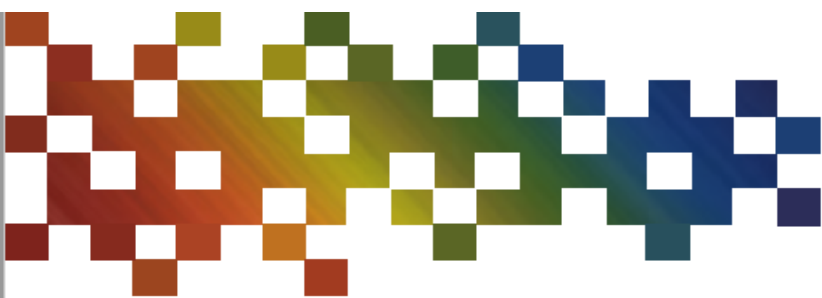


1. Introdução

A temática da violação dos Direitos Humanos é recorrente, e há interesses institucionais em pesquisas como esta na área da Educação. Este trabalho faz um recorte de uma pesquisa do GPHSC – Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea, registrado no CNPq, que consta com pesquisa inicial aprovada pelo Comitê de Ética, Parecer nº 2.110.377. O objeto de pesquisa do grupo é a violação dos Direitos Humanos de Adolescentes, cujo ponto central é o *bullying* com as suas múltiplas formas de violência: física, psicológica e simbólica que ocorrem no contexto escolar. Compreendemos que *bullying*, embora não seja um fenômeno novo, é de conhecimento de todos, sempre existiu dentro da escola, mas pouco se debate.

As pesquisas sobre a ocorrência de *bullying* nas escolas ganharam, há pouco tempo, foco nas pesquisas em educação e ensino. Esse fenômeno é um mal a ser entendido sob uma óptica multifatorial e, nesta perspectiva, deve ser analisado por diferentes profissionais, como filósofos, sociólogos, biólogos, psicólogos, cientistas políticos, juristas, psiquiatras e professores. Em âmbito escolar, são diversas as manifestações de violência. Algumas são direcionadas a professores e a funcionários; outras, a alunos. No entanto, há uma forma de violência, normalmente velada, que ocorre geralmente entre os próprios alunos. Hoje, sabe-se que essa forma de violência, não visualizada, vem se difundindo e alcançando proporções preocupantes.

Neste artigo, busca-se apresentar o recorte de uma pesquisa que foi desenvolvida entre agosto de 2016 e agosto de 2018 com alunos do Ensino Médio de instituições públicas e privadas de Mato Grosso. Neste trabalho apenas as respostas dos alunos de quatro escolas de Mato Grosso (sendo Escola 1 em Cuiabá) foram contempladas por apresentarem um conteúdo mais significativo. O instrumento de coleta de dados foi um questionário composto por 13 questões (11 objetivas e 2 subjetivas), disponibilizado de forma *on-line*, através do *google-drive* para os estudantes. Este instrumento de coleta permitiu que os participantes pudessem acessá-lo em diversos espaços, tais como, casa, escola e *smartphone*. Cabe mencionar que para este artigo, somente as questões subjetivas



foram escolhidas para análise. Assim, as respostas analisadas são das seguintes perguntas: 1. Você já sofreu ou ouviu alguém sofrer *bullying* na escola? 2. Você tem alguma sugestão para acabar com *bullying*?

Diante destes dados, decidimos analisar os textos sob a ótica da Análise de Discurso Crítica (ADC), já que essa perspectiva, aliada a estudos do campo das ciências sociais, constitui-se como arcabouço teórico-metodológico apropriado para a análise de questões sociais discursivamente manifestas (RAMALHO; RESENDE, 2018).

O trabalho desta pesquisa é compreender como as sugestões para acabar com o *bullying* são construídas e como estas refletem a visão de mundo dos/as alunos/as. O artigo organiza-se em quatro seções. Na primeira, abordamos a teorização, na segunda, focamos nos conceitos da ADC e na metodologia que são essenciais para nos guiarmos à análise discursiva dos textos. Na terceira, dedica-se a análise efetiva dos textos. E finalizamos com a quarta seção, apresentando algumas considerações sobre a pesquisa realizada.

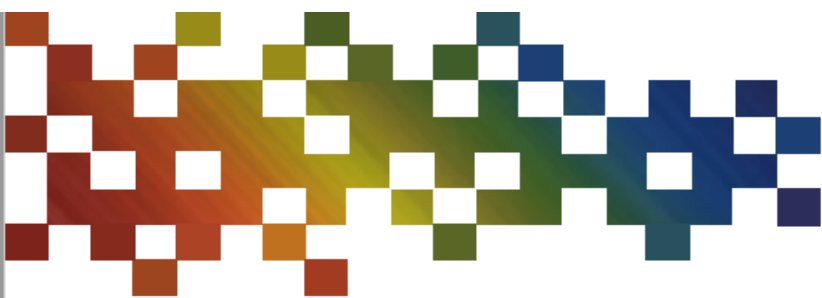
2. Teorização

2.1 O conceito de violência escolar e *bullying*

A violência escolar pode ser caracterizada como um problema crônico, recorrente, é um tema muito abrangente, uma vez que sua definição é bem variada. A violência “é todo ato que implica o rompimento da relação social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito” (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006).

Nessa perspectiva, Chauí (1998) define violência como “um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror”. Dessa forma, fica claro que a ação parte de um ser consciente, racional e responsável pelo que faz.

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade e



tratá-lo não como humano e sim como coisa, fazendo-lhe violência nos cinco sentidos em que demos a esta palavra (CHAUI, 1998).

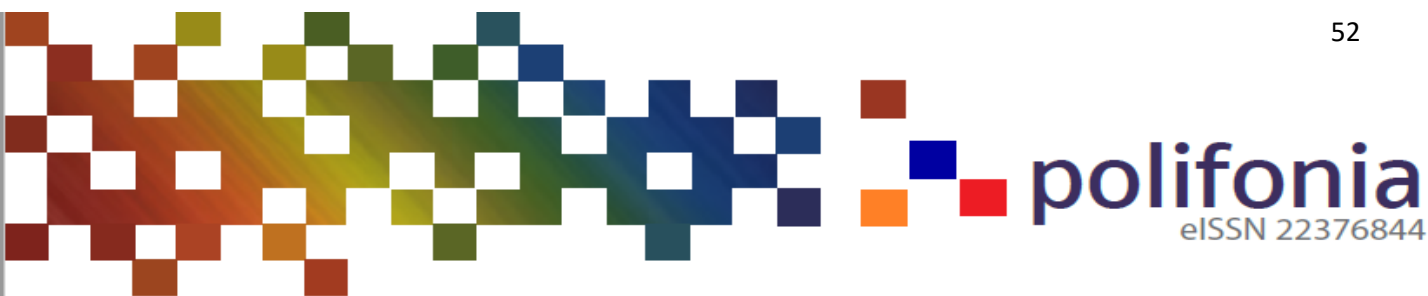
Atualmente, a violência pode ser caracterizada como um problema crônico e recorrente na sociedade. A agressão e a violência humana estão diariamente estampadas nos jornais. A violência nas escolas, especificamente, tem ganhado destaque não apenas na imprensa, como também, nas conversas entre amigos e educadores. O termo *bullying* pertence à língua inglesa e significa - ato de ameaçar e intimidar (principalmente na escola) - Cambridge Dictionary Online, 2019. No Brasil está relacionado ao comportamento agressivo, situações de abuso e intimidação sistemática que ocorre dentro e fora da escola.

Ainda que o termo *bullying* seja conhecido no Brasil desde 1970 de acordo com Guimarães (2009), no ambiente escolar do Brasil ele começou a ter espaço como objeto de estudo somente a partir da década de 1990. Autores como Abromavay & Castro (2006) enfatizam a necessidade de mais pesquisas sobre o *bullying* no contexto escolar.

No artigo publicado por Oliveira (2017), apresentado no IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias sobre as experiências e cotidianidades de mulheres-estudantes do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Nível Médio do IFMT Campus São Vicente, observa-se que ainda existe o favorecimento de modo estereotipado pelo binômio estabelecido no ambiente educacional que estigmatiza a incapacidade feminina de realizar atividades práticas agrícolas.

Essa discriminação velada, no que tange às relações de gênero, pode ser observada por Oliveira (2017), durante sua pesquisa de mestrado com os estudantes do curso Técnico em Agropecuária Integrado do IFMT Campus São Vicente. Embora essa forma de violência ainda aconteça no contexto escolar desse campus, o enfrentamento das estudantes tem ganhado novas roupagens em nossa contemporaneidade, a presença feminina não se reduz mais a submissão diante dos problemas, mas a torna capaz de transgredir as barreiras na busca de sucesso em seus objetivos.

Esses exemplos são importantes para a compreensão de que esses atos não podem ser banalizados ou naturalizados. É fato que 'nem toda violência é considerada *bullying*, porém todo *bullying* é uma forma de violência' (SILVA, 2019). Apesar de ambos serem



um ato de brutalidade, incivilidade e causar dor e sofrimento à vítima, o *bullying* se diferencia por suas características peculiares, como repetição, intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver desequilíbrio de poder, pois normalmente a vítima não tem condições para se defender.

O artigo 3º da Lei de Intimidação Sistemática categoriza seis tipos de *bullying*, sendo: **Físico**, que consiste em bater, beliscar, ferir, empurrar, agredir; **Verbal**, que é apelidar, gozar, insultar; **Psicológico/Moral**, que consiste em intimidar, ameaçar, perseguir, ignorar, aterrorizar, excluir, humilhar, difamar, caluniar, discriminar, tyrannizar; **Material**, que é roubar, destruir pertences materiais e pessoais; **Virtual**, que implica em insultar, discriminar, difamar, humilhar, ofender por meio da Internet e/ou aparelho celular; e **Sexual**, que conceitua como abusar, violentar, assediar, insinuar (BRASIL, 2015).

O desdobramento desses seis tipos de *bullying* existentes (físico, verbal, psicológico, material, sexual e virtual) se assemelha no que concerne violar a integridade do outro (SILVA, 2019).

No entendimento de que algumas ações têm implicações mais amplas, (SILVA, 2019) em sua dissertação de mestrado, apresenta a proposta do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC) de acrescentar os vários tipos de categorias de *bullying* que se entrecruzam com outras formas de violência escolar, tornando mais específicas em sua identificação.

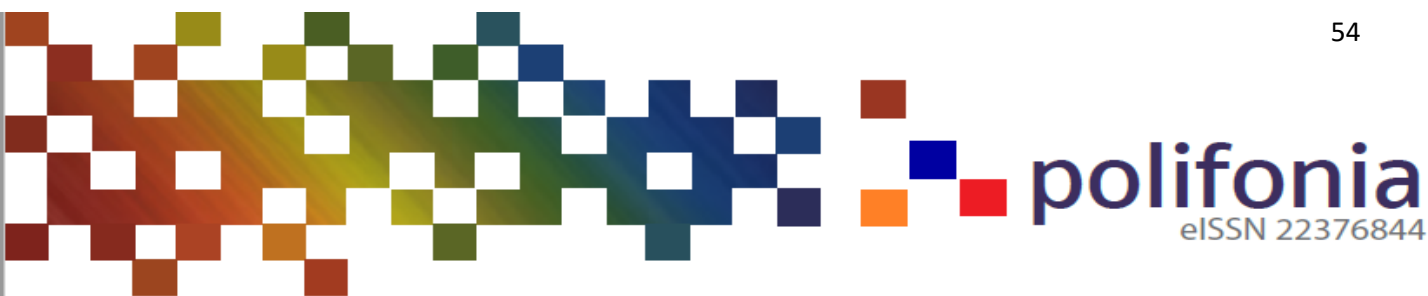
Figura 1-Violência Escolar e os tipos de *Bullying*.



Fonte: SILVA, 2019, p.66

2.2 Análise de Discurso Crítica

O discurso se configura dialeticamente e simultaneamente nas práticas sociais em três modos que se correlacionam com os três principais significados sempre presentes em textos – o significado acional – modos (inter)agir discursivamente referentes a gêneros, o significado representacional – maneiras individuais de representar os aspectos do mundo e o significado identificacional– maneiras de identificar(se), estilos (FAIRCLOUGH, 2003a).



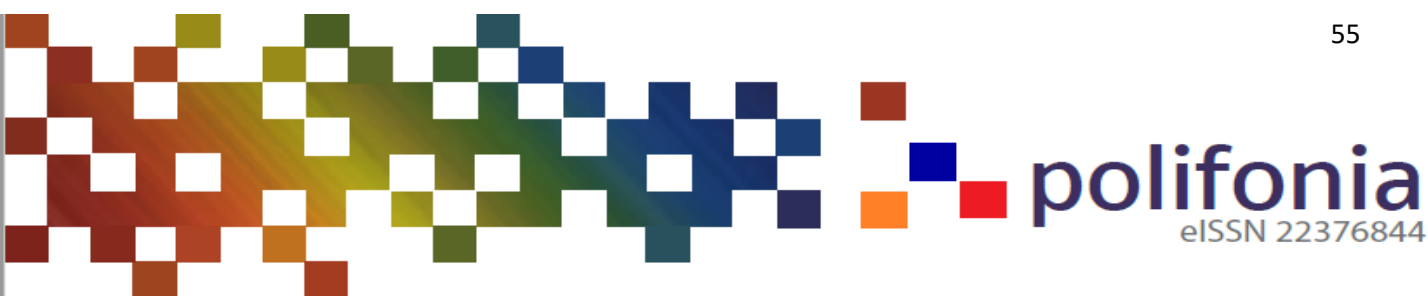
Para a Análise de Discurso Crítica (ADC), a instância discursiva é parte indissociável da vida social, estando *interconectada* com outras – crenças, valores, ideologias, atividade material, relações sociais, instituições, posições. É um “momento” da prática social passível de ser analisado em função da materialidade dos textos produzidos em vários eventos sociais (CHAOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Qualquer ato comunicativo constitui texto e são entendidos como eventos discursivos situados na medida em que existem pela/na linguagem e ao mesmo tempo articulam diferentes discursos, uma vez que materializam determinadas formas de ver o mundo ou parte dele (RESENDE; ACOSTA, 2016).

A escolha da categoria analítica de vocabulário perpassa a concepção subjacente de que diferentes discursos lexicalizam o mundo de maneira diferente. Para acessar essas diferentes maneiras de significar o mundo nos textos, foram criadas categorias analíticas, que “são formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas” (VIEIRA; RESENDE, 2016).

Assim, para ter acesso aos dados que os textos (respostas dos alunos) oferecem, foi definida, neste projeto de investigação, a análise analítica de vocabulário desenvolvida na linguística funcional e articulada em ADC, que defende “que os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares” (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, podemos nos aproximar de instância das práticas sociais nos usos da linguagem e termos acesso às conexões entre o discursivo e o não discursivo. E, por último, escolhemos essa categoria, pois “as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações dos sentidos das palavras são formas de hegemonia” (FAIRCLOUGH, 2001) muito presente nos discursos dos adolescentes.

3. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa qualitativa em que foram analisadas as categorias gramaticais, ‘significado de palavras’ presentes nos textos dos alunos que apontam sugestões para mitigar *bullying* e como estes avaliam esse fenômeno. Os textos foram



analisados de acordo com a percepção de que são ‘frutos de processos sociais e que na mesma medida os reproduzem e/ou modificam’ (RESENDE; ACOSTA, 2018).

A análise de dados está ancorada no arcabouço teórico da Análise de Discurso Crítica (ADC) que enfatiza a relação do funcionamento social da linguagem e o método de análise discursiva. Dos procedimentos metodológicos, utilizaremos o trabalho com categorias analíticas: significado de palavra. Utilizaremos citações de trechos das respostas discursivas desses alunos para compreender como as escolhas do vocabulário presentes nos textos representam como o *bullying* ocorre no contexto escolar e como deve ser mitigado.

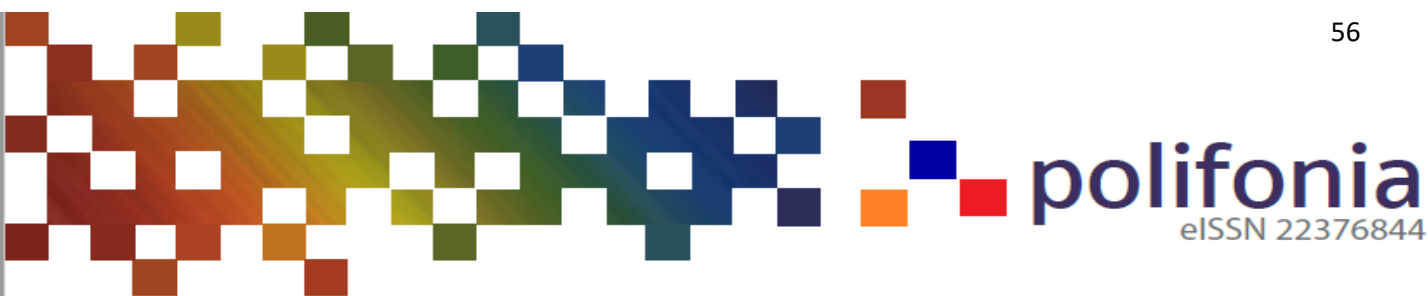
Os dados analisados deste artigo são compostos por textos de 527 alunos que responderam as duas perguntas discursivas de uma pesquisa que foi desenvolvida entre agosto de 2016 e agosto de 2018 com alunos do Ensino Médio, em quatro escolas de Mato Grosso (sendo Escola 1 em Cuiabá). A seguir, apresentamos a tabela com a quantidade de alunos por escola que responderam as duas questões discursivas.

Tabela 1: Sugestões para acabar com o *bullying* recorrências

ESCOLAS de MATO GROSSO	QUANTIDADE DE ALUNOS
Escola 1	127
Escola 2	135
Escola 3	149
Escola 4	116
Total Geral	527

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2019

Para organização dos dados, utilizou-se o aplicativo *Wordsmith Tools* (Scott, 2008). O programa disponibiliza três opções de ferramentas para o tratamento dos dados Lista de Palavras (*Wordlist*), Concordância (*Concord*) e Palavras-Chave (*Keywords*). Esse conjunto de ferramentas permite ao analista mostrar as escolhas linguísticas que balizam a análise nos textos dos alunos.



A função Lista de Palavras (*Wordlist*) possibilita ao analista fazer um levantamento das palavras que compõem o ‘*corpus*’ investigado, colocando-as em ordem alfabética e em ordem de frequência (Scott, 2008).

O *Concord*, usado para análise lexical, permite criar concordâncias das palavras de busca (listas de palavras em contexto), gerar listas de colocados (listas das palavras que ocorrem à esquerda e à direita da palavra de busca selecionada, em ordem de frequência), listas de padrões de colocados (frases comuns) e listas de agrupamentos lexicais, e, finalmente, exibe de um mapa gráfico que mostra onde a palavra ocorre no *corpus*.

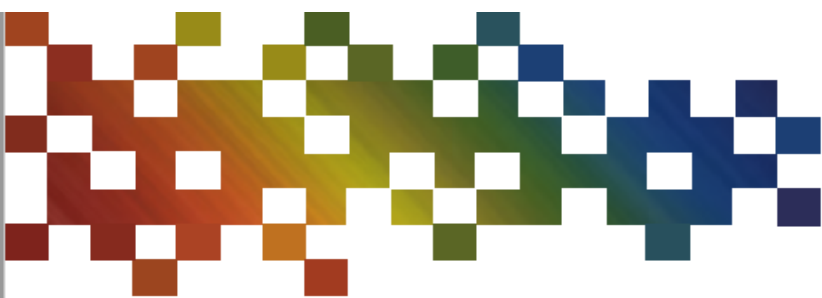
Os dados foram organizados em oito arquivos de textos passíveis de codificação no software *Wordsmith Tools* (Scott, 2008), estes foram organizados em pastas, sendo quatro delas localizadas em *wordlist*, consideradas as palavras: respeito, palestra, aluno, assunto, pessoa, orientação, conscientização, debate, educação, castigo/punição (essas palavras tiveram maior índice de repetição nas respostas dos alunos) e quatro em *concord* que localizam as palavras do arquivo *wordlist* no contexto em textos dos alunos/as.

Em seguida, esses arquivos foram preparados e analisados sob o olhar da análise de discurso crítica; dessa forma, foi possível a realização de uma macroanálise que descreveremos a seguir.

4. Investigação da Sugestão para acabar com o *Bullying* feita pelos Alunos do Ensino Médio em quatro escolas de Mato Grosso (sendo Escola 1 em Cuiabá).

Na perspectiva abordada aqui, as reflexões sobre a avaliação do *bullying* são fundamentadas no arcabouço teórico-metodológico da análise de discurso crítica para compreender como é representado, nos textos dos/as alunos/as do ensino médio de quatro campi entre agosto de 2016 a agosto de 2018. Nesse cenário, são considerados como eventos discursivos que trazem traços das práticas sociais e nos fornecem indícios para a investigação dessas mesmas práticas (VIEIRA; RESENDE, 2016).

Diferentes discursos em diferentes domínios ou ambientes institucionais podem vir a ser ‘investidos’ política e ideologicamente (FROW, 1985). Assim, os atos de



violência nas escolas quando difundidos pela sociedade como ‘normais’ ou ‘coisas de crianças’ criam uma representação e essa representação do *bullying* pode reforçar ideologias e hegemonias vigentes.

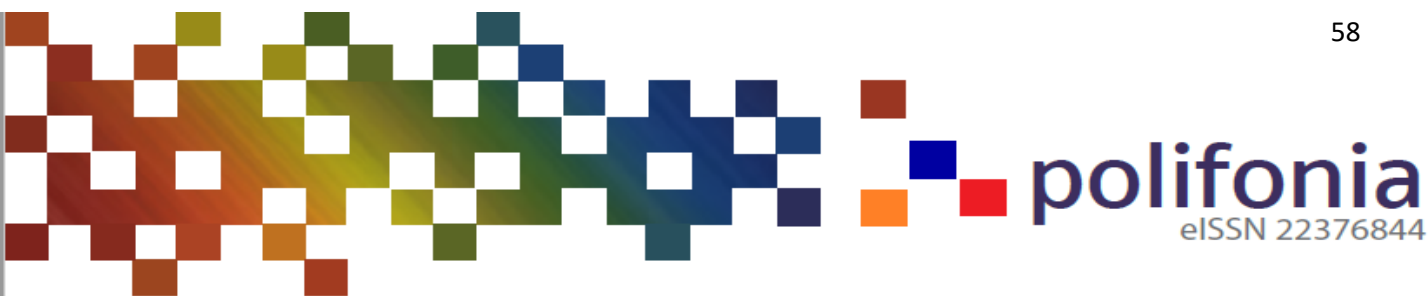
O conceito de ideologia em ADC é dotado de teor intrinsecamente negativo, pois é um instrumento semiótico que garante a manutenção temporária de uma representação particular de mundo (RAMALHO; RESENDE, 2018). E o conceito de hegemonia refere-se ao “poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em alianças com outras forças sociais” (FAIRCLOUGH, 2001). Os dois conceitos são de caráter temporário, porque, apesar de serem reforçados por estruturas sociais são passíveis de transformação e reinvestidos.

Ao focar o *corpus* aqui estudado, chama-nos a atenção o potencial efeito da ideologia na manutenção de hegemonias presentes sobre o *bullying*, pôde ser observado quando as análises apontaram que apesar de doze alunos terem vivido o sofrimento do *bullying*, eles sugeriram ‘punição’, ‘castigo’ como alternativas para acabar com o problema nas escolas. Esses itens lexicais, portanto, são avaliados num paradoxo significativo (RESENDE; RAMALHO, 2017), ou seja, usar a ‘violência’ para acabar com a ‘violência’.

Assim, *corpus* neste trabalho serão as categorias analíticas: significado de palavra, – considerado na análise dos dados que tratam da representação associada ao arcabouço teórico-metodológico da ADC, que contribui para a investigação de problemas sociais discursivamente manifestos, adotando como essencial a concepção de que discursos e práticas sociais estão dialeticamente interligados.

Os processos de produção são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais interiorizadas, normas e convenções (...). Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente e opositiva) a eles se recorre. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

Investigar como ocorre a representação do *bullyig* pelos/as alunos/as pode contribuir para a compreensão das práticas sociais representadas no contexto escolar.



Com base nas respostas da pergunta: Você tem alguma sugestão para acabar com o *bullying*? Apresentamos, a seguir, a tabela com as sugestões dos alunos e quantas vezes que elas ocorreram em tais respostas.

Tabela 2: Sugestões para acabar com o *bullying* e recorrências lexicais

Sugestão	Recorrência
Respeito	53
Palestra	44
Conscientização	29
Orientação	29
Castigo/Punição	13
Educação	12
Debate	11

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2019

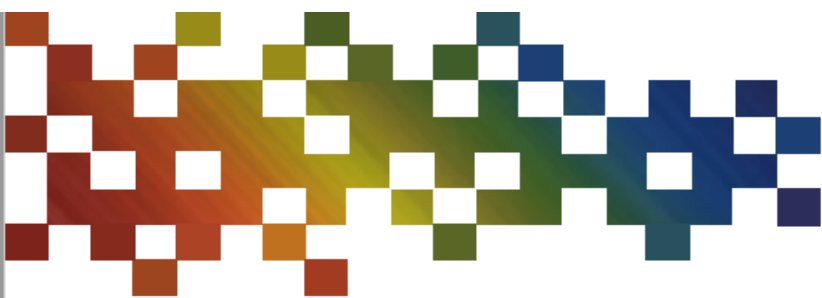
Nos textos de sugestões dos/as alunos/as analisados na pesquisa da qual este artigo apresenta apenas um pequeno recorte, todas essas sugestões foram registradas manualmente no *software*, o que significa a necessidade de leitura de todas as respostas coletadas antes da realização dos registros. Isso evidencia a credibilidade e confiabilidade nos dados aqui analisados.

De acordo com Norman Fairclough (2001), existem dois tipos de relações de poder no discurso: o poder no discurso e o poder por trás do discurso. Portanto, o discurso não é neutro. Trabalharemos aqui especificamente, com o primeiro tipo, é este que trata da textura da linguagem, através de palavras e textos.

Observa-se na tabela 1 que os vocábulos com maior índice de recorrência nos textos são positivos, “respeito” (53), “palestra” (44), “conscientização” (29), “orientação” (29), “educação” (12) e “debate” (11). Isso representa o caráter transformador presente no discurso dos/as alunos/as como prática ideológica que ‘constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder’ (FAIRCLOUGH, 2001).

A seguir, podemos ler os trechos dos textos, nos quais estão materializados os léxicos positivos nas sugestões dos/as alunos/as em uma tabela que foi criada no aplicativo *Wordsmith Tools* (Scott, 2008) através da ferramenta *Concord*. Dessa forma os textos foram transcritos do original sem alguma interferência dos autores deste trabalho.

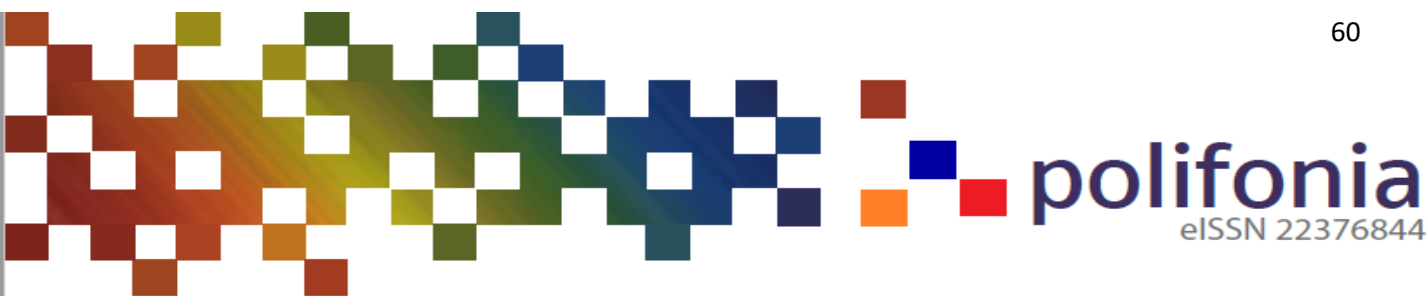
Tabela 3: Léxicos positivos recorrentes contextualizados



3 “ Palestras sobre o assunto”
4 “ Respeito Falar sobre o assunto e nas próprias atitudes.”
5 “ Discutir abertamente com palestras /ou por meio de professor”
6 “ seja com palestras , debates, eventos culturais nas escolas”
7 “ PALESTRAS ESTRAS s e campanhas de combate”
8 “ Conscientização PALESTRAS, FISCALIZAÇÃO E PUNIÇÕES ”
9 “ para o Gulag conversar Palestras sobre o assunto “
10“ente discutido através de palestras e rodas de conversas, e “
12“orientação seja feito através de palestras explicativas falando sobre o assunto”
13“ Consientizacao Debates Palestras , e trazer relatos de pessoas”
14“em seminários, debates e palestras sobre esse assunto. “
15“atividades escolares e palestras tanto no ensino fundamental quanto no medio”
16“ Conscientização e Respeito são as bases para acabar “
17“campanhas educativas e palestras Orientação nas bases escolares”
18“o mundo precisa mais de amor e respeito por todos “
19“OS e CONSERVADORES. fazer palestras quebrando alguns tabus “
20“seguro fazendo isso. Palestras sobre o assunto,”
22“mais cabível é ensinar o respeito e a educação Para as pessoas”
23“ RESPEITO Maior acesso dos alunos para com a psicóloga.”
24“Mas respeito com a sociedade”
25 “Acho que as pessoas tem que ter mais respeito umas com as outras,e aceitem que todos são diferentes e que isso não é errado ou motivo de chacota.”
26“ Conscientizar os alunos ainda mais nas escolas, e mostrar que a partir do momento que a pessoa se sente ofendida não é mais brincadeira!
27 “ Acho que deve ter mais campanhas de consientização ”
28“ Conscientizar a todos, sobre como respeitar o próximo, caso continue, é necessário medidas mais extremas.”
29“Eu acho que deve ter mais palestras na escola para falar mais sobre o caso, e também podia ter uma punição pra quem faz Bullying com as pessoas.”
30 “Debates entre os alunos, campanhas de consientização e punições para quem tem habito de fazer bullying.”
31. “Sim, educação, consientização dos riscos e no quê resulta o bullying na vida de cada indivíduo”
32“ palestras na escola e os professores fazerem pautas sobre o assunto em sala de aula.”
33“As escolas devem ser palestras falando sobre o assunto é suas conseqüências”
34“ Palestras educativas e punições mais severas.“
35“pessoas desocupadas respeitar as diferenças.”
36 “tem que ter respeito se não deve ter punição”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2019

As palavras se relacionam com os significados de ‘muitos para um e não de um para um’, portanto, as palavras possuem vários significados e estes são ‘lexicalizados’ também de diversas maneiras. Isso significa que, como protagonistas sociais, estamos diante de várias possibilidades de palavras para nos expressarmos e cada palavra, cada escolha pode produzir um sentido diferente e essas escolhas e/ou ‘decisões não são apenas de natureza individual, mas são construções sociais que podem ser ainda contestadas socialmente’ (FAIRCLOUGH, 2001).



Examinaremos agora como a palavra “*respeito*” é usada nos discursos dos/as alunos/as. Para isso, utilizaremos os diferentes significados convencionais que o dicionário Michaelis Online, 2019 nos apresenta.

respeito
res·pei·to
sm

- 1 Ato ou efeito de respeitar(-se).
- 2 Tratamento com profunda reverência ou consideração.
- 3 Consideração demonstrada por uma pessoa ou por alguma coisa.
- 4 Deferência considerável.
- 5 Aquilo que determina o acontecimento de algo ou a existência de algum fato.
- 6 Sentimento caracterizado pelo medo.

As observações seguintes se referem ao “*respeito*” como ato ou efeito de respeitar(se). Ele nos mostra como um significado pode ser revestido de ideologia e contribuir para a construção discursiva de um conceito cultural chave. Encontramos nos textos resistência a ideias hegemônicas como da desigualdade social.

“**Respeito** Falar sobre o assunto e nas próprias atitudes”

“o mundo precisa mais de amor e **respeito** por todos “

“Acho que as pessoas tem que ter mais **respeito** umas com as outras,”

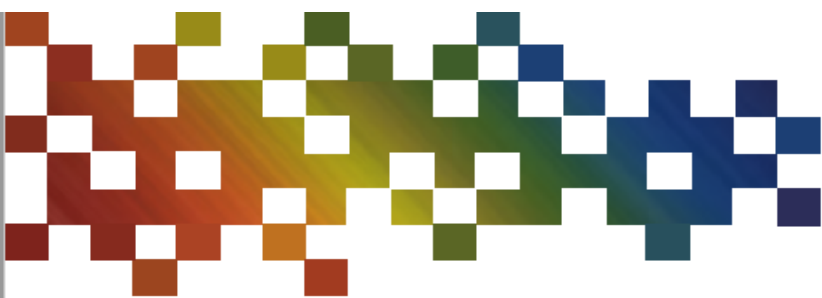
Esses trechos ilustram um dos significados da palavra “*respeito*”, mas não é o único, temos o exemplo número 6 sentimento caracterizado como medo que compõem um dos sentidos possíveis da palavra “*respeito*”.

“pessoas desocupadas **respeitar** as diferenças.”

“tem que ter respeito se não deve ter punição”

E, ainda, podem-se inferir convenções de polidez nesses trechos, pois o que foi escrito está aberto a interpretações alternativas. A polidez na linguagem é objeto de estudo da pragmática anglo-americana dos anos 1970 e 1980 (Brown e Levinson, 1978; Leech, 1983; Leech e Thomas, 1989) A teoria de Brown e Levinson é a mais respeitada: desejos de face.

Eles pressupõem um conjunto universal de ‘desejos de face’ humanos: as pessoas têm ‘face positiva’ – querem ser amadas, compreendidas, admiradas,



etc. – e ‘face negativa’ – não querem ser controladas ou impedidas pelos outros. Geralmente é do interesse de todos que a face seja protegida. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 203).

O uso do vocabulário (FAIRCLOUGH, 2001) como recurso possuidor de sentido ideológico e político, é frequentemente utilizado pelos/as alunos/as. Na palavra “*desocupada*” foi utilizada para desqualificar o agressor do *bullying*. Entre as palavras encontradas, “*palestra*” foi a segunda mais utilizada como sugestão para acabar com o *bullying*. Isso reflete mudanças de caráter da Desigualdade para a Igualdade Social, principalmente em se tratando de promover a educação como oportunidade de construção de saberes. A escolha consciente desse vocabulário nos apresenta um exemplo da questão da hegemonia e da ideologia e, ainda, como a mudança social que pode ser promovida mediante o uso consciente da linguagem.

“palestras na escola e os professores fazerem pautas sobre o assunto em sala de aula.”

“campanhas educativas e palestras Orientação nas bases escolares”

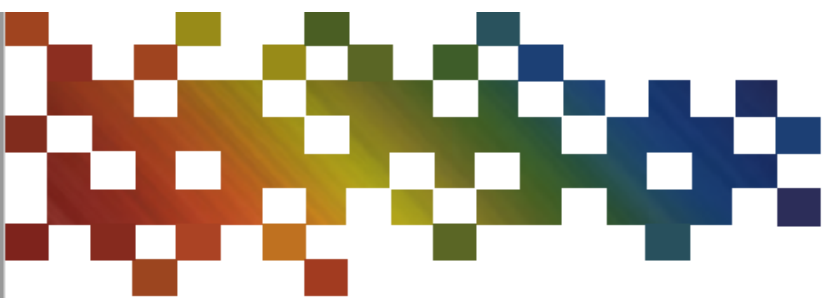
“As escolas devem ser palestras falando sobre o assunto e suas consequências”

“orientação seja feito através de palestras explicativas falando sobre o assunto”

“atividades escolares e palestras tanto no ensino fundamental quanto no medio”

Neste contexto de defesa das ideias hegemônicas, o trecho extraído dos dados deste trabalho, de uma forma geral, os/as alunos/as tornaram-se defensores da educação. Dessa forma, eles/as abrem as portas da escola para o diálogo, acreditam que é na linguagem e pela linguagem que acontecem as lutas de poder isto é, a ‘liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade’ é feita através da linguagem (FAIRCLOUGH, 2001).

Procuramos não nos atermos apenas às sugestões positivas, consideramos necessário olharmos as exceções, e atentarmos as sugestões negativas que aparecem nos dados como o “castigos/punição” (13). Percebemos que essas sugestões aparecem quase na mesma proporção da “educação” (12). Esses itens lexicais, portanto, são avaliados num paradoxo significativo (RESENDE; RAMALHO, 2017) e nos remete ao dito popular “**Olho por olho, dente por dente**” que é uma expressão que significa vingança, e que o



castigo deve ser dado na mesma proporção do dano causado. Dessa forma, contraria a lógica da **educação** que é um processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana (FREIRE, 2003).

E, ainda, utilizamos a ferramenta de pesquisa por palavras no contexto proporcionada pelo *software*, o *concord*, e procuramos por “punição”, “punições”, “castigo” e “castigos” para chegarmos aos contextos específicos que os citam.

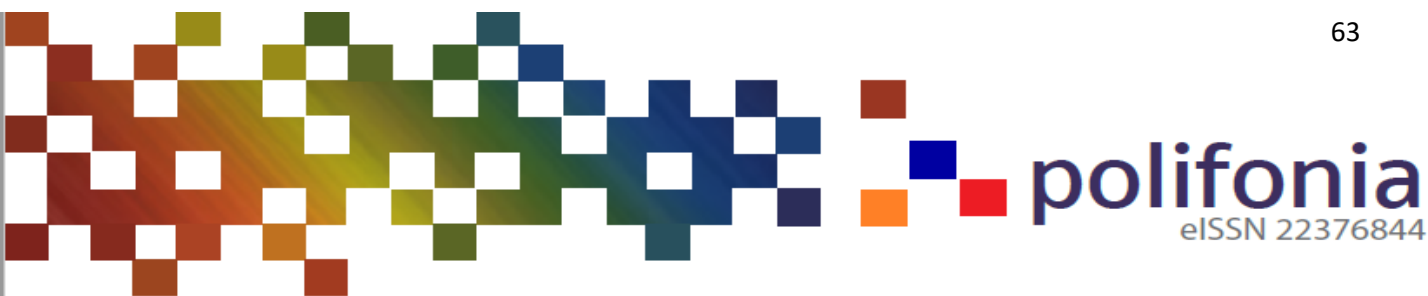
Tabela 2: Trechos dos textos que sugerem “punição” e “castigo” para acabar com o *bullying*.

1.	“Conscientização PALESTRAS, FISCALIZAÇÃO E PUNIÇÕES...”
2.	“ Punir os responsáveis pelo bullying”
3.	“ Punir os responsáveis.”
4.	“que as pessoas que comentem bullying seja punida ”
5.	“Além de punições , que nem sempre são o suficiente, eu sugiro que esse assunto seja retomado mais vezes, e não considerado apenas o grave 'importante', mas todo tipo de bullying.”
6.	“Sim, acho que a escola deve tomar providencias com os alunos que fazem bullying, dando algum castigo para o aluno”
7.	“ Punições sociais”
8.	“Incentivos para não práticas, palestras sobre o assunto, medidas de punição severas, ajuda psicológica, colaboração dos servidores da instituição”
9.	“no meu modo de pensa isso só vai acaba depois que punir todas essas pessoas.”
10.	“Sim puni as pessoas que cometem”
11.	“Processar todos que cometem bullying e aplicar punições graves”
12.	“ Castigos severos e psicólogos ou uma boa surra daquelas q se tein q passar salmora”
13.	“Bullying não se acaba da noite para o dia... Minha sugestão, seria, como nos tempos antigos: castigar e fazer com que aceitem as diferenças do irmão de raça...”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2019

Entendemos o discurso como uma forma concreta de compreender de representar, de agir, de interagir e de identificarmos o mundo, as pessoas e a nós mesmos (VIEIRA; RESENDE, 2016). Com isso, ao analisarmos os textos apresentados na tabela 2 verificamos que são sugestões que nos remetem aos discursos que geram o *bullying* no contexto escolar e não exatamente sugestões de prevenção.

Ao sugerir acabar com o *bullying* através de itens lexicais como, por exemplo, “punição”, “punições”, “castigo” e “castigos” que aparecem na tabela, estes estão nos dando acesso empírico que indica a forma que os alunos estão reagindo à situação de *bullying* e sobre a perspectiva de mundo deles no contexto escolar. As exceções são os exemplos que ocorrem nos extratos de número 11 e 12.



Os itens lexicais “*Processar e punições graves*”, no extrato número 1 da tabela, nos remetem ao discurso policial: sabemos que o ato de processar e aplicar punições graves são atribuídos a atores sociais que violam a lei, assim nesse trecho, embora o contexto e atores sociais sejam – escola e alunos – há uma atribuição negativa pesando sobre os atores que praticam o *bullying*.

No extrato número 12, aparece a expressão, “*uma boa surra daquelas que tein que passar salmora*”, que nos aproxima ao domínio de discurso de família, geralmente, dos pais antes da **Lei da Palmada**. Esse é um nome informal da lei nº 13.010/2014 que proíbe o uso de castigos físicos ou tratamentos cruéis e degradantes contra crianças e adolescentes no Brasil.

Quando discursos como estes de propagação da violência aparecem na tabela 2, são difundidos como universais, contribuem para a propagação de práticas hegemônicas, de intolerância e de violência. Por isso, é importante investigar como ocorre a representação desse fenômeno na escola porque pode contribuir para a compreensão das práticas sociais desses alunos.

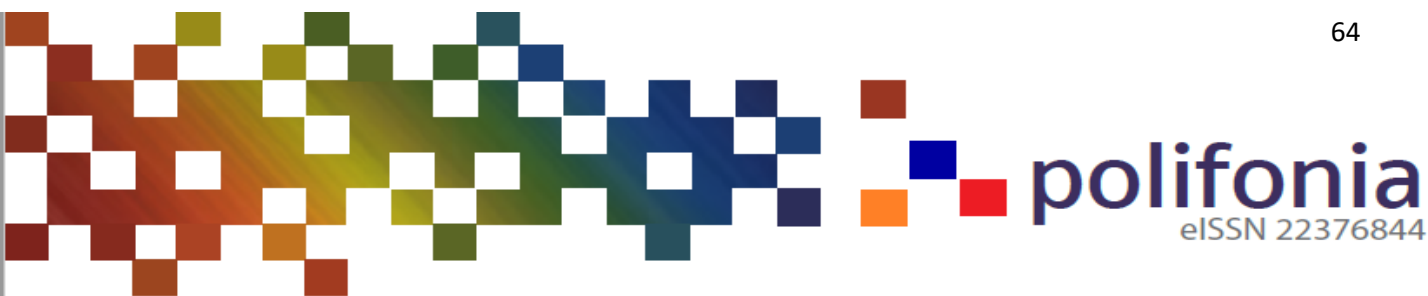
Então, foi necessário investigar mais atentamente outros itens lexicais com indícios de discursos que contribuem para a manutenção do *bullying* no contexto escolar. Esse mapeamento pode ser observado na tabela 3 a seguir a partir de extratos de textos com discursos de apologia a violência nas escolas.

Tabela 3: Discursos de apologia a violência

1.	“ Matando quem faz o ato”
2.	“ Matar todo mundo”
3.	“ MATAR TODOS QUE PRATICAM SEM EXCEÇÃO... COMO EM COLUMBINE. ”
4.	“ MATA TODOS ”
5.	“ matar todos ou prender”
6.	“ Ditadura ”
7.	“ Masmorra ”
8.	“ banir os individuos que praticam o <i>bullying</i> ”
9.	“ prender as pessoas que praticam o <i>bullying</i> ”
10.	“ Policia, Balas e Granastatatatatatatata ”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2019

A categoria, significado de palavra, está relacionada ao significado representacional, por ser tratar da construção de representações de mundo. O sistema



lexical, por sua vez, é parte do sistema semiótico prévio dos textos, dessa forma, o léxico é compartilhado revelando as maneiras como a sociedade representa a realidade.

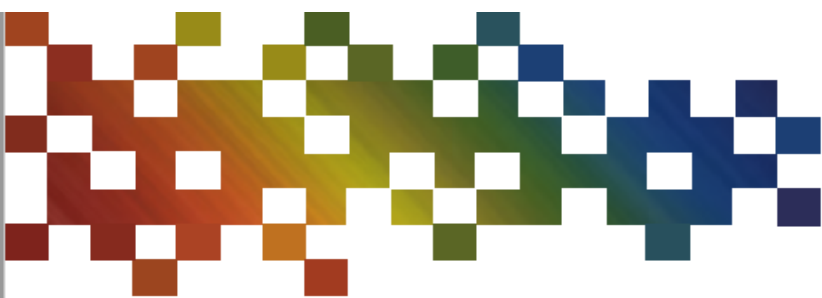
Ainda que o compartilhamento social de modos de uso regulados do léxico, a agência do/a produtor/a de texto não seja apagada; ao contrário, ela se mostra também na seleção lexical e na atribuição de significados elaborada nos textos, já que os sentidos das palavras são dependentes de escolhas de padrões de colocação, ao ser, também, foco de disputas discursivas. Essa escolha colabora com a escolha (consciente ou não) de posicionamento político-ideológico em relação ao mundo representado (RESENDE; ACOSTA, 2018).

O posicionamento político-ideológico expressos na tabela 3 são itens lexicais que por analogia, depreende-se que, ao contrário da proposta freiriana de educação, o resultado da dinâmica social estabelecida nesse contexto aprisiona os/as agressores/as do *bullying* em um ciclo de violência com base no aprisionamento e morte.

Novamente, encontramos no trecho final da linha 3 da tabela 3, “**MATAR TODOS QUE PRATICAM SEM EXCEÇÃO... COMO EM COLUMBINE**”, “*columbine*” aqui se referindo ao massacre que ocorreu na escola Columbine High School nos Estados Unidos em 1999. Esse extrato demonstra as formas de subserviência da vida ao poder da morte, utilizaremos aqui a noção necropolítica apresentada pelo filósofo e pensador Achille Mbembe como a “expressão máxima da soberania no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” na sociedade contemporânea (MHEMBE, 2018).

Observa-se que a escolha representacional não é simplesmente questão lexical, e, sim, um processo ideológico relevante que deve ser considerado, pois ao contrário de combater o *bullying* a práticas discursivas contrastantes como essa, no domínio particular (a escola) é provável que seja ideológico (FAIRCLOUGH, 2001).

Outro tipo de violência, representado nos dados coletados é uma alteridade violenta para o Estado Nação, institucionalizada e expressa pela forma de governo, materializada pela escolha lexical: “*Ditadura*”. E, por último, temos as escolhas lexicais que faz alusão ao discurso policial e pressupõe avaliação negativa “*prender*”, ainda enfatiza também a violência “*polícia, tiro e bomba*”, pelo questionamento do aparato legal que legitima esse



tipo de ação do Estado e da polícia. Trata-se aqui de representação da violência simbólica à qual os/as agressores do *bullying* devem ser submetidos/as de acordo com as sugestões expressas nos textos dos alunos. Assim, as sugestões para acabar com o *bullying* são ideias hegemônicas paradoxais, que corroboram para a manutenção dos discursos de intolerância às diferenças e a violência nas escolas.

4. Considerações Finais

Em textos são materializadas maneiras individuais de ver/entender o mundo, reiterando discursos ideológicos e/ou tentando superá-los. As sugestões que são apresentadas pelos/as alunos/as em situação de *bullying* fazem parte de um conjunto de ações discursivas de perpetuação de sistemas de oposição e de negação as diferenças, o que todos/as os/as alunos/as querem é ter acesso a um ambiente agradável e propício ao desenvolvimento do conhecimento, a escola.

A disputa discursiva pelo poder foi observada em dois pontos de maior instabilidade: entre a grande liderança hegemônica em termos de articulação na luta discursiva de propagação da igualdade e, os discursos dominados que ainda contribuem com o processo de propagação da ideologia da desigualdade social e da intolerância.

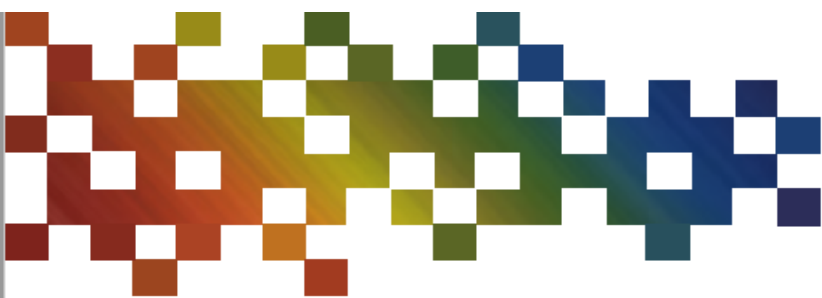
Grande parte das sugestões para acabar com o *bullying* abre uma porta que simboliza o diálogo dentro da escola e com toda a comunidade educativa. Ela apresenta um espaço no qual o debate, a palestra sobre a violência no contexto escolar pode ocorrer. A promoção desse diálogo está materializada nos textos como uma forma de retratar a visão de mundo e a realidade deles/as.

Referências

ABRAMOVAY, M. ; CASTRO, M. G. *Caleidoscópio das violências nas escolas*. 1. ed. Brasília: Missão Criança Editora, 2006.

BOGDAN, R.; BIKLEN. S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei 13.185, de 6 de dezembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo o território nacional. *Diário Oficial da União*



[da] *República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 09.11.2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm.

CHAUÍ, M. Ética e violência. *Teoria e Debate*, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, ed. 39, 01.10.1998

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: University Press, 1999.

Dictionary Cambridge Online

Eljach, S. *Violencia escolar en América Latina y el Caribe Superficie y fondo*. UNICEF. 2011.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães (Org). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FREIRE, P. *A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica*. In: *Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Acao_Cultural_para_a_Liberdade.pdf Acesso em: 29 de Junho de 2019.

FROW, J. *Discourse and Power*. *Economy and Society*, 14, 1985.

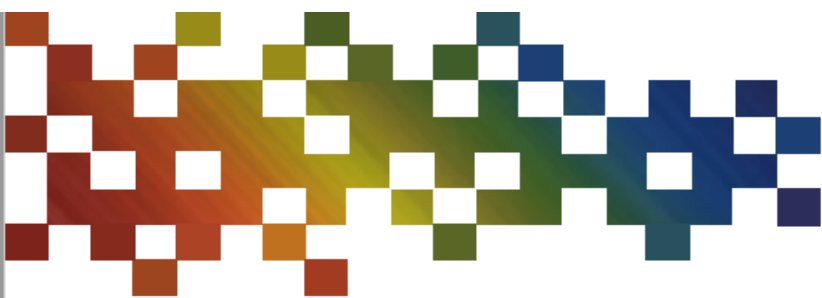
Lei da Palmada – Lei 13010/14

Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/27491562/lei-n-13010-de-26-de-junho-de-2014>. Acesso em: 29 de Junho de 2019.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1edições, 2018.

OLIVEIRA, P. A.; DUARTE, V. C. de O.; ARAÚJO, M. Guimarães de O. *Educação, Gênero e Formação Humana: O processo de ensino-aprendizagem agropecuário e a ressignificação da mulher no mercado de trabalho*. In IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias, Brasil, RJ, Rio de Janeiro, 2017.

RAMALHO, I.S. *O caso Edvan Lima e a corporeidade de pessoas em situação de rua em casos de violência no jornal Correio Braziliense*, 2017. Trabalho apresentado no XII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso, Santiago do Chile, 2017.



RAMALHO, I. S.; RESENDE, V. M. *O caso Edvan Lima e a corporeidade de pessoas em situação de rua em casos de violência no jornal Correio Braziliense*, Cad. Est. Ling., Campinas, v.60 n.3 p. 808-827 - set./dez. 2018 .

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica*: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada, p.11-51. In: RESENDE, V. M.; REGIS, J. F. (Orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas: Pontes, 2017a.

RESENDE, V. M. *Gestão policial da pobreza*: vulnerabilidade de pessoas em situação de rua aos rigores da ordem pública - um estudo do caso de Samir Ali Ahmed Sati. Revista Cis (FundaciónTecho Chile), 23, p. 15-31, 2017b.

RESENDE, V. M. *Representação de pessoas em situação de rua no jornalismo on-line*: quais são as vozes convocadas para falar sobre a situação de rua? *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(3), 955-988, 2016. Disponível em <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10887>. Acesso em: 16 jun. 2019.

RESENDE, V. M.; GOMES, M. C. A. *Representação da situação de rua no jornalismo eletrônico em textos verbo-visuais* – a violência em discurso no Correio Braziliense (2011-2013). *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v.18, n.1, p. 165-191, 2018. Disponível em:

http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6089/3640>.

Acesso em: 16 jun. 2019.

RESENDE, V. M.; ACOSTA, M. D.P. *Apropriação da análise de discurso crítica em uma discussão sobre comunicação social*. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 421-454, 2018

RESENDE, V. M.; RAMALHO, I. S. *Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no Correio Web*. *Revista Calidoscópico*, vol. 15, n. 3, p. 529-541, 2017. Disponível em: <revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2017.153.11>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SILVA, V.C.G. *Ensino de Matemática, Ciências Naturais e suas Tecnologias*. Tese Mestrado em Ensino Associação Ampla- Instituto Federal de Mato Grosso, Cuiabá, p. 70-71. 2019.

VIEIRA, V. C.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica*: O texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2016.